



LUANA PATRIOLINO
Luanapatriolino.df@dabr.com.br

Ed Alves e Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Fora da tela

Apesar do acordo de paz celebrado entre a deputada federal Paula Belmonte (Cidadania) e o senador Izalci Lucas (PSDB), as brigas na federação PSDB-Cidadania permanecem. Candidata a distrital, Belmonte e seus aliados afirmam que foram impedidos de aparecer na propaganda eleitoral na tevê. Em uma postagem nas redes sociais, ela disse que foi excluída “de forma truculenta e antidemocrática”, mas que, mesmo assim, segue na disputa por uma vaga na Câmara Legislativa.

Izalci nega

Procurado pela coluna, Izalci Lucas negou as acusações e disse que a candidata queria extrapolar o tempo permitido. “Ela não apareceu no horário eleitoral, porque queria o tempo de todos os candidatos do Cidadania — o que a federação Cidadania-PSDB não aceitou. Belmonte não mandou nenhum vídeo para os 9 segundos que tem direito”, informou o senador por meio de nota.

Eleição CNC

Roberto Tadros, atual presidente da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), deve ser reconduzido ao cargo novamente. Com chapa única, a instituição realiza a votação amanhã, com a posse programada para 19 de novembro. O Conselho de Representantes, formado pelas federações que integram o Sistema Comércio, totaliza 28 votos.

Na Justiça

Roberto Tadros chegou a ter afastamento do cargo determinado pela Justiça, em julho, por improbidade administrativa. Ele teria supostamente se beneficiado de recursos do Sesc quando comandava a entidade no Amazonas. No entanto, pode continuar na presidência após um recurso. O processo está sob efeito suspensivo em apelação por decisão do Tribunal de Justiça do Amazonas (TJAM).

“A CNC reitera à coluna que o processo jurídico em curso no Amazonas está fundamentado em uma acusação equivocada, que está sendo contestada. Como em todo Estado Democrático de Direito, o presidente José Roberto Tadros exercerá sua ampla defesa e contraditório, com plena confiança na Justiça e no devido processo legal”, afirmou a instituição ao **Correio**.

Setembro Amarelo

A Comissão de Igualdade Racial da Ordem dos Advogados do Brasil do Distrito Federal (OAB-DF) realiza, em 28 de setembro, próxima quarta-feira, uma palestra sobre o Setembro Amarelo — campanha que alerta sobre a prevenção ao suicídio. O evento da entidade da capital será voltado à saúde mental da população negra. “Reconhecemos o apagamento da subjetividade que o racismo causa aos negros e às negras, e suas consequência como fator impeditivo de desenvolvimento social, até como forma de auxiliar nosso coletivo a reconhecer um sentimento implantado de inferioridade. Quantos de nós não se sentem pertencentes aos espaços que ocupam ou deveriam ocupar?”, destaca o presidente da comissão, Beethoven Andrade.

Representatividade

Primeira mulher trans a assumir um cargo na direção nacional do Cidadania, a arquiteta e urbanista Mari Valentim também quer ser pioneira na Câmara dos Deputados. Candidata a deputada federal, ela é uma das apostas da sigla no DF e de movimentos políticos como o RenovaBr e o Livres. “Quero mostrar que representatividade e competência caminham juntas. Ser uma mulher trans me traduz, mas não me reduz. Quero lutar por autonomia para as pessoas através de emprego, renda e educação de qualidade”, diz.



Divulgação

Combate ao feminicídio

Nesta semana, o **Correio** mostrou as propostas dos candidatos ao governo para enfrentar a violência no DF, em especial o feminicídio. Para a candidata ao Senado Rosilene Corrêa (PT), o foco da campanha deste ano é a segurança pública. “As eleições poderão fazer a diferença entre a vida e a morte. Enquanto o Brasil assiste três feminicídios por dia, o presidente Bolsonaro, candidato de Damares Alves e Flávia Arruda, reduziu as verbas de combate à violência contra a mulher. Reverter esse quadro será uma das minhas prioridades no Senado”, diz.

Marcelo Ferreira/CB/D.A.Press



Direito de resposta

O juiz auxiliar do TRE-DF Demetrius Gomes Cavalcanti concedeu direito de resposta de um minuto ao governador do DF, Ibaneis Rocha (MDB). A equipe jurídica do político, que tenta a reeleição, processou o candidato Leandro Grass (PV) devido a uma propaganda em que ele diz: “o governo é corrupto”. Segundo o magistrado, “não pode se manter à sombra de expressões genéricas sem explicar o caso concreto de corrupção”.

Urnas lacradas

O Tribunal Regional Eleitoral do Distrito Federal (TRE-DF) inicia hoje a lacração das urnas eletrônicas que serão utilizadas nas eleições de outubro na capital. Para simbolizar o evento, a Corte realiza uma cerimônia com a presença do desembargador Roberval Belinati e do vice-presidente e corregedor, desembargador Mario-Zam Belmiro Rosa, no Centro de Operações da Justiça Eleitoral.

“Não vou dizer que estamos em um paraíso. Mas, comparado com demais países do mundo, nós vamos muito bem. Graças a... Me desculpe, além de imbrochável, eu sou outras coisas também”

Presidente Jair Bolsonaro (PL)
ao deixar assembleia da ONU e reunir apoiadores em churrascaria de NY

“Bolsonaro envergonha o Brasil outra vez. Com sua série de mentiras e infâmias, pensou em transformar a tribuna da ONU no cercadinho do Alvorada”

Marina Silva (Rede),
ex-candidata à Presidência da República e candidata à deputada federal

Livro sobre Roriz

A família do ex-governador do DF Joaquim Roriz (1936-2018) vai lançar um livro sobre a trajetória do político na capital. Sob o título *Joaquim Domingos Roriz, o Segundo Construtor de Brasília*, a obra foi escrita por Luís Roberto Vieira Costa. O material será apresentado ao público no próximo sábado, no Plenário da Câmara Legislativa do DF, às 10h30.



Marcelo Ferreira/CB/D.A.Press



Reprodução/YouTube @Lula

Acompanhe a cobertura da política local com @Luanapatriolino

» Entrevista | PATRICIA REIS | DIRETORA DE PESQUISA QUALITATIVA DO GRUPO OPINIÃO

Ao **CB.Poder**, cientista social defende que as pessoas têm uma “predisposição” a gostar de um candidato. Ela explica que o eleitor indeciso tende a optar por algum concorrente com chances de ganhar e destaca o medo da violência na campanha

"Não existe voto racional"

» PEDRO MARRA

A campanha eleitoral de 2022 tem sido marcada por casos de violência e discussão pelo voto útil. Em entrevista à jornalista Denise Rothenburg, a diretora de Pesquisa Qualitativa do Grupo Opinião, Patricia Reis, avalia que nestes últimos dias antes do pleito, muitas pessoas tendem a optar por candidato com possibilidade

de vitória. “Quando a gente fala desse eleitor, que é a grande massa do eleitorado brasileiro e que não tem uma escolaridade alta, ou ele sente muito colado ou tem uma rejeição visceral a um candidato. O voto útil pode ir tanto para um lado quanto para o outro”, explicou a cientista social e especialista em marketing político, ontem, no programa **CB.Poder** — parceria do **Correio** com a TV Brasília.

As eleições caminham para o movimento de candidatos em busca do voto útil?

Nos últimos momentos de campanha, é muito fácil o eleitor caminhar para o voto útil, porque tem a sensação de que se votar em alguém que pode perder, perde junto. Quando a gente fala desse eleitor, que é a grande massa do eleitorado brasileiro e que não tem uma escolaridade alta, ou ele sente muito colado ou tem uma rejeição visceral a um candidato. O voto útil pode ir tanto para um lado quanto para o outro. A gente brinca que o eleitor indeciso se recusa a estar nesse lugar de polarização, mas tem o seu “malvado favorito”, e se sente pressionado ao voto útil.

Temos visto casos de violência entre eleitores e políticos na campanha. Como a senhora avalia o clima para o dia da votação no primeiro turno?

A única coisa que vai aumentar é o nível de tensão e pressão sobre o eleitor e o medo da violência desse resultado, porque, hoje, a gente tem um eleitor, de qualquer lado, que está extremamente assustado com a violência desse processo. Ele entrou para dentro do armário, porque não fala mais de política, tem medo das agressões, tanto que não se conversa sobre política nas famílias. É um eleitor que não está conversando, porque tem medo de que vai acontecer.

Ed Alves/CB/D. A.Press



O que move um eleitor a escolher um candidato?

O que nos move é afeto. Saímos dessa história do voto racional. Não existe voto racional. Existe uma predisposição, uma simpatia. As pessoas mais simples falam isso, e as que têm mais escolaridade trazem razões como “eu voto porque gostei da cara dele”. Então, (o candidato) precisa dar para o eleitor um arcabouço de argumentos para justificar o voto não só para o seu entorno, mas também para si mesmo. Aí vou ter uma série de razões, até uma nostalgia, como votar por

gratidão porque a minha vida mudou de verdade com algumas coisas que foram feitas.

Igrejas evangélicas têm feito muita campanha. Como está a relação de religião e voto?

Religião e voto sempre estiveram muito ligados, porque voto, aliás, é uma palavra que vem da religião. A liturgia política está colada à liturgia religiosa. Hoje, os evangélicos passaram a fazer isso de maneira aberta, voluntarista e se fincaram como uma força política. Isso não quer dizer que os evangélicos

votem em bloco em uma só pessoa, porque eles são uma força fragmentada. Inclusive, temos hoje, dentro da igreja evangélica, correntes que são contra esse “assalto” da política sobre a igreja.

As suas pesquisas mostram um eleitor mais conservador ou mais progressista?

Depende de onde está esse eleitor, porque o brasileiro tem uma tendência mais conservadora, de preservar os valores da família, que vê ameaçados. Tem uma tendência de preservar alguns códigos e valores que faz tempo que não encontram apoio. Em relação à violência, às drogas, à pornografia e à educação dos filhos, tem uma tendência mais conservadora. Os progressistas tendem a ser de classe média, que têm recursos próprios e conseguem se proteger daquilo que acreditam ser uma ameaça. A grande massa dos eleitores é de baixa escolaridade, vive em uma situação sempre no limite da sobrevivência.

Sobre o voto feminino, o que leva as mulheres a votar?

Esse voto feminino é complexo e diferente dependendo do cargo que a gente está falando. Se estou

falando de eleição para prefeitura, é diferente e não é ambíguo, porque as mulheres sabem o que está funcionando ou não, são elas que conhecem o sistema de saúde. Quando passo para o governo, para a presidência, esse voto acaba saindo dessa questão das políticas públicas e passa a ter uma representatividade, pois as mulheres querem alguém que tenha força. Ser mulher não é suficiente para despertar o desejo de voto.

No DF, temos várias candidatas eleitas e se candidatando novamente, como é o caso da Keka Bagno (PSol), Celina Leão (PP), Leila do Vôlei (PDT) e Flávia Arruda (PL). O DF é um caso à parte no país?

O DF tem uma situação privilegiada nesse sentido, pois é um lugar em que as mulheres encontraram a sua força para poder sair (como senadora e deputada federal, por exemplo). São candidatas que têm um nome, uma fortaleza, e isso vai ajudar o Brasil inteiro. As condições no DF são particulares, e as mulheres têm o seu espaço, podem agir com toda a expressão da própria força, vontade e do próprio pensamento. Em outros lugares do país, isso não é verdade.